

042.13.61, 417

COMUNICAÇÃO DA VTR

De junho de 1969, a VPE e a COLISA se uniram, criando a organização que tomou o nome de VAR-PALMARES. Tratando-se de organizações clandestinas, era difícil o conhecimento de cada organização até as reuniões, e a unificação só se fez sob a forma de unificação de comandos.

No primeiro Congresso destinado à consolidação da nova organização e elaboração mais cuidadosa de uma linha política, evidenciou-se a existência de graves divergências políticas entre quadros originários de todas as duas organizações.

A real divergência que deu origem ao "rachão" tinha seu centro na concepção da organização adotada. Para os militantes que ficaram na VTR P., as suas suas suas suas mobilizações através do trabalho de formação política das vanguardas apoiado de um braço armado que atua, quer no campo, quer no cidade. Para nós, combatentes da VPE, a forma de mobilizar as nossas fundações para a Revolução, na atual fase, é o exemplo da luta. Para isso, VTR se estruturou como organização de combatentes que, juntamente com outras organizações revolucionárias, atua pela constituição do Exército Popular.

No "rachão", a VTR tomou a maioria dos quadros dos chamados "setores de ação violenta", dos chamados "setores legislativos", e a maior parte dos membros do comando da VTR P.

Muitas esperanças foram com a unificação, no mesmo sentido de não levar a frente a Revolução. Aprendemos que a vitória é imediata, mas não pode ser feita a qualquer preço. Esperamos com a VTR P., que continuamos a trabalhar, apenas considerando distanciado do que julgamos ser o caminho mais correto para a Revolução.

Com relação às outras organizações revolucionárias, a atitude da VTR, como resolução de seu Congresso de novembro de 1969 e convicção profunda de cada um de seus militantes, é a de trabalho conjunto e articulado em todas as frentes em que isto for possível. Participamos desse frente com nossa experiência prática, nosso patrimônio político, nosso patrimônio material, que não julgamos como patrimônio nosso, mas de toda a vanguarda.

Que os anos de 1970 seja o ano da guerrilha urbana, o ano da guerrilha rural, o ano do rompimento do isolamento político entre a vanguarda e os massas no Brasil. O ano em que honramos a morte de nossos companheiros que caíram no campo de batalha: Carlos Marighella, João Lucas Alves, Vitor, Cordeiro, João Domingues, Lequinho, Escoteiro, Fernando, Chacó e o sacrifício de todos os nossos companheiros que cumprem seu papel de revolucionários nas prisões de repressão.

CÉSAR LUTAI, CÉSAR FERREI
P/CAJADO - CARLOS LUTAI
Janeiro de 1970



1 - 001 1/30 1/10

O General Medici expressa uma situação de flexibilidade política, a mudança de governo inapetente, impopular e desmoralizada, o equilíbrio instável, o General Medici era um ilustre desembraxado, ao contrário de Costa e Silva, por exemplo). O governo não tem se pego no ritmo da vida, na mesma medida, um militar totalmente inexpressivo, cuja presença se pode reflectir e acerto preciso e que chegaram forças internas em desacordo evidente, representa uma conciliação dentro de um governo dividido. Se se quiser falar, para além disso, da função dos "oportunistas" de sempre, elementos invariavelmente presentes em qualquer governo e que lhe dão certa sustentação. Transicionado pelo que ainda existe de oficialidade nacionalista (actualmente em parte desorientados, pela "afinada" de Albuquerque Lima, esse presentes), de um lado, e pela linha dura, de outro, esse é provavelmente o governo politicamente mais fraco desde 1964. Não tem liderança (única forma de dar popularidade e unidade) e se transforma em pura tirania, com a situação agravada pelos conflitos internos.

O que divide hoje, naturalmente, o grupo que detém o poder, ou circula em torno dele não, fundamentalmente, dois problemas interligados. A forma de combater o terrorismo e a forma de dar popularidade ao governo. Como política oficial (para ce que o SNI aprova directamente as matérias da revista VZ/A), tem permitido certas mobilizações parciais etímbias, ligadas à luta contra o "terrorismo" - como exemplo, temos a campanha contra torturas e manifestações das Ordens de Avogados, sobge o restabelecimento do "habeas corpus". Quanto a popularizar o regime, a situação é mais complexa. Já não é de se estranhar que sejam alguns dos mesmos elementos que encabeçam a denúncia das torturas (Tribuna da Imprensa), que propõem nacionalizações e outras medidas que poderiam dar ao governo essa popularidade. Sabemos que, se estas medidas forem adoptadas (logo será isso a chama a "O perigo Impeto", anunciada pelo ministro Veloso?), serão totalmente inócuas. Dentro daquele procedimento clássico do nacionalizar o que dá prejuizo, e deficitário e ganhar todo mundo - com uma medida aparentemente "corajosa e nacionalista". Em outros termos, a caída "alvaradista" é impossível, pelo proprio compromisso político do esquero de poder e suas outras relações com o imperialismo. Logo seria talvez a situação se os "oficiais nacionalistas" tivessem mais força. Não a tem. Voltamos assim ao problema, praticamente insolúvel para o governo, de sua impopularidade. A única forma de manter uma ditadura impopular, e pela força. Assim, a prazo, e considerando a continuação da atual prática política da vanguarda revolucionária, um "amolecimento" da repressão e, no mínimo, pouco provável.

Cheguemos agora ao problema de relacionamento da vanguarda com o esquero de poder (e repressão) e as massas populares. Actualmente, somos a unica opposição real no regime. Neste sentido, há todas as condições para que capitalizemos o apoio de um massa que, a estas alturas, deve estar se perguntando para que serviram seis anos de ditadura. Por outro lado, ngasos métodos de trabalho tornam impossível sua identificação pelo sistema (não haverá activia que paralise a propaganda armada e a preparação das guerrilhas rurais). Sempre um inimigo que tem que ser destruído, isso porque atingimos o inimigo em seu unico ponto forte - a força. Em outras palavras, apesar das derrotas parciais de 69, a vanguarda conseguiu infligir as pesadas derrotas políticas e materiais ao inimigo em seu terreno, o do emprego da violência armada, torçasso tempos que ser isolados. Não há neutralidade possível. Teriamos vencer esta batalha política torna-se para a vanguarda uma questão de vida ou morte. O governo fomenta o povo a tomar posse em suas relações a nós. Temos que ganhar com o sistema. Isto porque, mesmo que consigamos (e tentamos), deitar a guerrilha rural ainda está vivo, esta não tem uma dinâmica propria, no seu início, o que coloca a seguinte questão: ser derrotado na cidade, hoje, significaria ser derrotado no campo.

II - SITUAÇÃO DA ESQUERDA

Quais são as condições da vanguarda revolucionária para enfrentar esse drama? A esquerda revolucionária antes 1970 bastante unida dividiu-se e hoje viola duram, bastante enfraquecida naturalmente, e a não um acervo de experiência prática inestimável. Apesar das divisões internas, além disso, a vanguarda, está longe de ser uma linha política bastante ampla e elaborada e por isso mesmo se encontra em uma situação de grande dificuldade. No entanto, em termos de alguns pontos...

